

PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS A ADOLESCENTES VÍTIMAS E PERPETRADORES DE *BULLYING* NA REGIÃO NORTE

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-167>

Data de submissão: 11/11/2024

Data de publicação: 11/12/2024

Renata Ferreira dos Santos

Doutora em Saúde Coletiva
Universidade do Estado do Amazonas – UEA
E-mail: rfdstans@uea.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1794-2737>
LATTEs: <http://lattes.cnpq.br/7517167539335837>

Elaine Cristina Santana Cordovil

Mestre em Saúde Pública
Universidade do Estado do Amazonas – UEA
E-mail: ec.cordovil@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4703-8295>
LATTEs: <http://lattes.cnpq.br/1839028238590149>

Winnie Lagoa de Souza

Mestre em Biologia Urbana
Faculdade Alcance – FAAL
E-mail: winnie_lagoa@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7048-8342>
LATTEs: <http://lattes.cnpq.br/3781817148829870>

Rafael José de Castro Costa

Acadêmico de Enfermagem
Universidade do Estado do Amazonas – UEA
E-mail: rjdc.enf21@uea.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0982-9483>
LATTEs: <http://lattes.cnpq.br/3108081878891862>

RESUMO

O bullying é definido como uma forma de violência ocorrida no ambiente escolar, caracterizada por comportamentos agressivos e repetitivos com o propósito de ferir ou causar desconforto. Esse fenômeno, pode gerar consequências em curto, médio e longo prazo, além de estar associado à adoção de práticas que colocam a saúde em risco. O presente estudo almeja investigar a relação entre categorias de bullying em adolescentes e fatores associados. Foram utilizados dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2015), cuja amostra contempla alunos do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas da Região Norte do Brasil. A frequência do relato da prática de bullying entre as categorias de escolares foi maior entre os meninos (19%), com idade igual ou superior a 15 anos (16,7%). Todas as variáveis foram associadas às três categorias de bullying, vítima, perpetrador e vítima/perpetrador, com exceção das variáveis “supervisão familiar do dever de casa” ($OR=0,62$; IC95% 0,53 – 0,72) e do “tempo livre” ($OR=0,52$; IC95% 0,46 – 0,60) revelaram-se como fator de proteção para os perpetradores. Os perpetradores de bullying têm comportamentos de risco à

saúde como: alimentação não saudável regular, consumo de álcool, drogas, tabaco, relação sexual sem preservativo e sedentarismo, além de faltaram mais as aulas sem comunicar os pais.

Palavras-chave: Adolescentes, Violência, Escolas, Comportamento de risco, Bullying, Região Norte.

1 INTRODUÇÃO

O *bullying* é conceituado como um tipo de violência praticada no espaço escolar, que envolve comportamentos violentos repetitivos com intenção de machucar e/ou perturbar. O *bullying* ou vitimização pode ocasionar repercussões de curto, médio e longo prazo, bem como adoção de comportamentos de risco à saúde (Francisco, Libório, 2009; Azeredo, 2015). Os indivíduos envolvidos no *bullying* podem ser classificados em quatro categorias: vítima (alvos); perpetradores (agressores); expectadores (testemunhas); e vítimas e perpetradores (alvos e agressores) (Fante, 2005). Tais características são fundamentais para o delineamento dos perfis dos agressores (Calhau, 2009).

Diversos estudos vêm sendo desenvolvidos em vários países e mostram diferentes prevalências tanto de vitimização quanto de perpetração (Fante, 2005; Francisco, Libório, 2009). Um inquérito relevante *The Youth Risk Behavior Surveillance System* (YRBSS), realizado no período de 2008 a 2010 nos EUA, conduzidas em estudantes observou prevalência de 19,9% de *bullying* (Eaton *et al.*, 2010).

Os dados apontados por vão ao encontro dos apresentados pela PeNSE de 2009 que segundo o levantamento realizado em escolas da região metropolitana de São Paulo com 803 alunos, foram observados 15,2% e 20,3% de prevalência de um ou mais episódios de violência em ambiente escolar e envolvimento em brigas nos 12 meses anteriores à realização da pesquisa em adolescentes de escolas públicas (maioria negros, baixa nível socioeconômico, cujos pais possuíam baixo grau de escolaridade) e nas escolas privadas (pardos, com médio nível socioeconômico, cujos pais possuíam um grau de escolaridade mais avançado), respectivamente (Carlini-Cotrim *et al.*, 2015).

Os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2015, encontrou prevalência de 7,4% de estudantes vítimas de *bullying* em escolas públicas e privadas (Mello *et al.*, 2017). O *bullying* traz uma gama de consequências, que ocorrem tanto em ambientes individuais, quanto em ambiente familiar e social, que afeta o bem-estar de comunidades inteiras (Sprinthall *et al.*, 1999; Ribeiro, 2005; Oliveira *et al.*, 2015).

Nesta perspectiva, o *bullying* é uma temática preocupante e recorrente no contexto escolar. Embora seja um fenômeno universal, os estudos têm mostrado diferenças nacionais quando investigadas as diferenças regionais entre os Estados, importantes nas prevalências e nos fatores associados a este fenômeno de violência. Embora já existam estudos analisando resultados da pesquisa da OMS no mundo, alguns estudos analisando os resultados da PeNSE no Brasil, o *bullying* ainda é um fenômeno pouco estudado, e a maioria dos estudos descreve o fenômeno envolvendo vítimas e agressores em ambiente escolar, utilizando análises descritivas, restringindo-se a características individuais.

Nesse sentido o presente estudo visa investigar a relação entre categorias de *bullying* verbal em adolescentes e seus fatores associados.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal descritivo, que utilizou dados originários da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada entre abril e setembro de 2015. É um inquérito epidemiológico, realizado pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde com o objetivo de monitorar fatores de riscos na população jovem das capitais brasileiras (IBGE, 2016). A PeNSE contemplou escolares com faixa etária de 13 a 15 anos frequentando o 9º ano (8ª série), cursando o ensino fundamental de escolas públicas e privadas das capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal, entre abril e setembro de 2015.

Neste artigo foram utilizados os dados de 714 escolas dos sete estados da Região Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima, Pará e Tocantins). O tamanho amostral da Região Norte foi de n= 23.777 (82,6%). Foram excluídos deste estudo os turnos noturnos e escolares de 13 a 17 anos de idade frequentando as etapas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental (antigas 5ª a 8ª séries) de escolas públicas e privadas de outras regiões do Brasil não foram incluídas nesta amostra (IBGE, 2016).

Foram utilizados os seguintes conjuntos de variáveis: categorias de ocorrência de *bullying*, comportamentos de risco, comportamentos relacionados à vida escolar e familiar do estudante, além de variáveis sociodemográficas e de imagem corporal.

A PeNSE 2015 contemplou questões sobre aspectos socioeconômicos; contexto familiar; *bullying*, hábitos alimentares; prática de atividade física; violência, segurança entre outros aspectos. As variáveis sociodemográficas analisadas foram: Sexo, Idade, Cor/raça, escolaridade da mãe e dependência administrativa do escolar (pública ou privada). As variáveis do contexto familiar analisadas foram: supervisão familiar do tempo livre, faltar às aulas sem autorização desses responsáveis, supervisão familiar do dever de casa, familiares entendem seus problemas, pais mexem nas coisas dos filhos, sentir-se sozinho, insônia, amigos, violência sexual.

Foram criadas quatro categorias para ocorrência de *bullying*: não sofre/nem pratica, vítima, perpetrador e vítima/perpetrador. Neste estudo foi considerado somente *bullying* verbal. Os estudantes foram classificados como vítima de *bullying* quando responderam sim para a pergunta: “Nos últimos 30 dias, com que frequência algum dos seus colegas de sua escola te escucharam, zombaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado/incomodado/aborrecido/ofendido/humilhado?”. As respostas foram categorizadas em “Não” (nunca, raramente, às vezes) e “Sim” (a maior parte do tempo, sempre).

Foram classificados como perpetração de *bullying* quando responderam sim para a pergunta: “Nos últimos 30 dias, você esculachou, zoou, mangou, intimidou, ou caçou de algum dos seus colegas na escola, tanto que ele ficou magoado, aborrecido, ofendido ou humilhado?” As respostas foram categorizadas em “Sim ou Não”. Aqueles que responderam “sim” tanto para vítima quanto para perpetrador foram classificados como “vítima/perpetrador” (ou seja, tanto praticam como sofrem *bullying*). Esta categoria e as categorias “vítima” e “perpetrador” são mutuamente excludentes. Os demais (aqueles que responderam não a ambas as perguntas foram classificados como “não sofre/nem pratica” *bullying*).

A primeira etapa da análise de dados teve como objetivo calcular a prevalência de acordo com as categorias de *bullying* segundo as variáveis sociodemográficas, do contexto familiar, imagem corporal. Utilizou-se o teste qui-quadrado de Pearson. Para avaliar a associação entre *bullying* e características familiares e de autoimagem foram realizadas análises de regressão multinomial, cuja variável dependente foram as categorias de *bullying*, e como variáveis independentes as variáveis de contexto familiar e imagem corporal. A categoria de referência para o desfecho foi nem sofrer nem praticar *bullying*. Em todos os modelos foram incluídas como variáveis de ajustes: sexo, idade, cor/raça, tipo de escola e escolaridade da mãe e foram considerados os pesos amostrais e o desenho complexo da amostra. Os dados foram analisados no programa software Stata 14 (StataCorp, 2014).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se em relação ao sexo destacam-se maior prevalência de perpetradores entre os meninos (19,2% comparado com 12,9% entre as meninas); maior prevalência de vítimas entre os de cor/raça amarelos (7,4% comparados os pardos, brancos e indígenas, com aproximadamente 4% cada); e a maior prevalência de vítima (5,0%) e vítima/perpetrador (2,4%) foi observada entre os adolescentes cujas mães não tinham nenhuma escolaridade ou ensino fundamental incompleto (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização dos aspectos sociodemográficos dos adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental segundo as categorias de *Bullying*, Região Norte, Brasil, 2015.

Variáveis	Categorias de <i>Bullying</i>								p-valor*	
	Não sofre/nem pratica (n=18.187)		Vítima (n=1.085)		Perpetrador (n=3.968)		Vítima/ Perpetrador (n=537)			
	n	%	n	%	n	%	n	%		
Sexo									< 0,001	
Masculino	8.439	74,4	504	4,1	2.321	19,2	345	2,3		
Feminino	9.748	81,1	581	4,4	1.647	12,9	192	1,6		
Idade									0,042	
≤ 14 anos	11.828	78,1	750	4,7	2.515	15,4	334	1,8		
15 e +	6.359	77,5	335	3,7	1.453	16,7	203	2,1		

Tipo de escola									0,014
Pública	16.257	78,2	972	4,3	3.504	15,6	463	1,9	
Privada	1.930	74,2	113	3,9	464	18,9	74	3,0	
Cor/raça^{§#}									0,040
Branca	4.457	77,6	240	4,2	902	16,1	126	2,1	
Preta	2.077	75,5	133	5,4	478	17,2	85	1,8	
Amarela	688	74,8	54	7,4	189	15,9	21	1,8	
Parda	10.264	78,7	616	3,9	2.253	15,6	272	1,9	
Indígena	686	75,4	42	4,5	145	17,3	30	2,7	
Escolaridade da Mãe									
Nenhum ou EF incompleto	4.226	76,3	270	5,0	838	16,4	112	2,4	0,009
EF completo ou EM/Superior incompleto	6.385	80,1	369	3,8	1.468	14,5	177	1,6	
Superior completo	2.977	77,0	195	4,3	683	16,9	101	1,8	

* Teste Qui-Quadrado Pearson, [§] Informação autodeclarada.

Em relação às variáveis que caracterizaram os aspectos da saúde mental dos adolescentes, destaca-se a maior prevalência vítimas entre os que relataram sentir-se sozinhos (10,6% vs. 3,0%); e entre o que relataram sofrer insônia (10,4% vs. 3,5%). A prevalência de perpetradores nestas categorias também foi maior, especialmente entre os que relataram sofrer insônia (20,4% vs. 15,3%) (Tabela 2).

Tabela 2. Caracterização da saúde mental dos adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental segundo as categorias de *Bullying*, Região Norte, Brasil, 2015.

Variáveis	Categorias de <i>Bullying</i>								p-valor*	
	Não sofre/nem pratica		Vítima		Perpetrador		Vítima/Perpetrador			
	n	%	n	%	n	%	n	%		
Sentir-se sozinho										
Sim	2.687	68,1	437	10,6	775	17,9	159	3,4		
Não	15.483	79,8	646	3,0	3.190	15,6	377	1,7		
Insônia										
Sim	1.777	65,3	275	10,4	551	20,4	128	3,8		
Não	16.387	79,4	810	3,5	3.409	15,3	407	1,7		
Amigos										
Nenhum	745	74,0	89	6,7	161	16,7	32	2,6		
1 ou mais	17.41	78,0	996	4,2	3.802	15,9	504	1,9		

* Teste Qui-Quadrado Pearson

Quanto às percepções dos adolescentes em relação à sua imagem corporal, as maiores prevalências de vítimas foram observadas entre os que consideravam seu corpo muito gordo (16,4%), entre os que consideravam sua imagem corporal sem importância (8,8%) e entre os que relataram ser indiferentes ou insatisfeitos em relação ao seu corpo (8,1%). A prevalência de perpetradores foi mais estável entre todas as categorias estudadas. Em relação aos que relataram sofrer e praticar *bullying*, as maiores prevalências foram entre os que consideravam seu corpo muito gordo (6,8%), entre os que consideravam sua imagem corporal sem importância (3,4%) (Tabela 3).

Tabela 3. Caracterização da imagem corporal dos adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental segundo as categorias de *Bullying*, Região Norte, Brasil, 2015.

Variáveis	Categorias de <i>Bullying</i>								p-valor*	
	Não sofre/nem pratica		Vítima		Perpetrador		Vítima/Perpetrador			
	n	%	n	%	n	%	n	%		
Você considera seu corpo									<0,001	
Muito magro e magro	4.535	75,3	311	4,7	1.066	17,6	166	2,4		
Normal	10.869	80,5	479	3,2	2.198	14,8	236	1,5		
Gordo	2.393	73,1	215	6,7	599	17,6	100	2,6		
Muito gordo	250	61,7	74	16,4	76	15,1	25	6,8		
Você considera sua imagem corporal									<0,001	
Importante	15.324	78,9	822	3,8	3.278	15,6	400	1,8		
Pouco importante	1.977	73,1	147	6,5	463	17,8	82	2,7		
Sem importância	739	69,4	113	8,8	200	18,4	46	3,4		
Sentimento em relação ao seu corpo									<0,001	
Satisfeito	13.891	80,3	601	3,1	2.837	15,1	324	1,6		
Indiferente	1.618	68,8	166	8,2	432	20,0	77	3,0		
Insatisfeito	2.516	71,0	313	8,1	669	17,8	127	3,1		

* Teste Qui-Quadrado Pearson

Observou que 21,4% dos adolescentes faltavam entre um ou mais dias de aula sem comunicar os pais, pouco mais da metade (60,7%) tinham supervisão familiar durante o tempo livre do estudante. Todavia, quando se trata de supervisão familiar do dever de casa do adolescente esse percentual diminuiu para 32,9%. Os adolescentes que referiram que possuir familiares que entendem seus problemas foram 41,1%. Já os adolescentes que revelaram que seus pais mexiam em suas coisas sem sua concordância foi de 11,8%.

Para este conjunto de variáveis, destacam-se as maiores prevalências de vítimas de *bullying* entre os que relataram que os pais mexiam em suas coisas (10,6% vs. 3,0%) e que sofreram violência sexual (7,4% vs. 4,1%). Nesta última variável, as prevalências de perpetradores, e vítimas e perpetradores foram também mais elevadas (24,6% vs. 15,4 e 6,9% vs. 1,7%, respectivamente). Prevalências mais elevadas para estas duas categorias de *bullying* também foram observadas entre os que relataram faltar aulas 3 vezes ou mais por semana comparados com que nunca falta (26% vs. 14,3%: perpetradores; 5,2% vs. 1,6%: vítimas/perpetradores) (Tabela 4).

Tabela 4. Caracterização do contexto familiar dos adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental segundo as categorias de *Bullying*, Região Norte, Brasil, 2015.

Variáveis	Categorias de <i>Bullying</i>								p-valor*	
	Não sofre/nem pratica		Vítima		Perpetrador		Vítima/Perpetrador			
	n	%	n	%	n	%	n	%		
Faltar às aulas									<0,001	
3 ou mais vezes	971	62,5	74	6,3	402	26,0	81	5,2		
1 ou 2 vezes	2.527	72,7	165	4,2	744	20,5	112	2,6		
Nunca	14.676	80,0	846	4,1	2.820	14,3	343	1,6		
Supervisão familiar do tempo livre									<0,001	
Sim	11.591	81,6	655	4,3	1.924	12,5	249	1,7		
Não	6.550	72,1	427	4,3	2.038	21,3	286	2,3		
Supervisão familiar do dever de casa									<0,001	
Sim	6.298	81,2	389	4,9	976	12,3	137	1,7		
Não	11.856	76,2	696	4,0	2.981	17,8	395	2,1		
Familiares entendem seus problemas									<0,001	
Sim	7.910	81,8	380	3,7	1.299	13,0	163	1,6		
Não	10.236	75,1	702	4,7	2.659	18,0	373	2,2		
Pais mexem nas coisas dos filhos(as)									<0,001	
Sim	1.863	69,9	225	10,6	586	17,9	123	3,4		
Não	16.286	79,8	859	3,0	3.374	15,6	413	1,7		
Violência sexual									<0,001	
Sim	723	61,1	104	7,4	343	24,6	93	6,9		
Não	17.379	78,8	978	4,1	3.605	15,4	438	1,7		

* Teste Qui-Quadrado Pearson

A tabela 5 mostra as associações entre os tipos de *bullying* (variável dependente) e cada uma das variáveis dos blocos descritos acima, ajustadas pelas variáveis sociodemográficas (sexo, faixa etária, tipo de escola, cor/raça, escolaridade da mãe). As medidas de associação são expressas em *Odds Ratio* (OR), obtidos por modelos de regressão multinomial múltipla (não ordinal), cuja categoria de referência para o tipo de *bullying* é não sofrer nenhum tipo de *bullying*; a categoria de referência para as variáveis independentes está sinalizada com OR=1,00.

Das 12 variáveis inclusas no modelo, apenas uma (familiares entendem seus problemas) apresentou fator protetor para as três categorias de *bullying* verbal. Outras três variáveis foram diretamente e igualmente associadas entre as três categorias: (faltar às aulas; pais mexem nas coisas dos filhos; sentimentos em relação ao corpo). As demais variáveis apresentaram comportamento distinto entre os tipos de *bullying*.

Tabela 5. Associação entre o contexto familiar, saúde mental e imagem corporal de acordo com as categorias de *Bullying*, Região Norte, Brasil, 2015.

Variáveis	Categorias de <i>Bullying</i>					
	Vítima		Perpetrador		Vítima/Perpetrador	
	OR	IC _{95%}	OR	IC _{95%}	OR	IC _{95%}
Faltar às aulas						
Não	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Sim	1,42	(1,13 - 1,78)	1,42	(1,30 - 1,81)	2,08	(1,62 - 2,67)
Supervisão familiar do dever de casa						

Não	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Sim	1,24	(1,00 - 1,53)	0,62	(0,53 - 0,72)	0,78	(0,54 - 1,14)
Familiares entendem seus problemas						
Não	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Sim	0,67	(0,53 - 0,83)	0,60	(0,51 - 0,70)	0,62	(0,44 - 0,87)
Supervisão familiar do tempo livre						
Não	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Sim	0,82	(0,66 - 1,03)	0,52	(0,46 - 0,60)	0,72	(0,52 - 1,00)
Pais mexem nas coisas dos filhos(as)						
Não	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Sim	2,22	(1,62 - 3,05)	1,39	(1,16 - 1,66)	2,39	(1,72 - 3,31)
Sentir-se sozinho						
Não	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Sim	4,37	(3,30 - 5,80)	1,44	(1,17 - 1,77)	2,72	(1,92 - 3,85)
Insônia						
Não	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Sim	4,03	(3,00 - 5,45)	1,70	(1,43 - 2,03)	2,81	(1,96 - 4,03)
Amigos						
Não	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Sim	0,63	(0,42 - 0,94)	0,89	(0,66 - 1,19)	0,75	(0,36 - 1,53)
Violência sexual						
Não	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Sim	2,22	(1,43 - 3,42)	2,34	(1,79 - 3,06)	6,18	(3,66 - 10,44)
Você considera seu corpo						
Normal	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Muito magro e magro	1,55	(1,20 - 2,02)	1,21	(1,01 - 1,46)	1,94	(1,27 - 2,95)
Gordo	2,17	(1,60 - 2,97)	1,29	(1,04 - 1,61)	2,03	(1,37 - 3,02)
Muito gordo	6,08	(3,79 - 9,77)	1,21	(0,79 - 1,87)	6,26	(3,05 - 12,85)
Você considera sua imagem corporal						
Importante	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Pouco importante	1,79	(1,31 - 2,45)	1,17	(0,96 - 1,43)	1,36	(0,88 - 2,11)
Sem importância	2,87	(2,00 - 4,11)	1,08	(0,81 - 1,44)	2,58	(1,49 - 4,49)
Sentimentos em relação ao corpo						
Satisfeito	1,00	-	1,00	-	1,00	-
Indiferente	3,29	(2,46 - 4,40)	1,66	(1,34 - 2,05)	1,63	(1,09 - 2,46)
Insatisfeito	2,83	(2,22 - 3,60)	1,55	(1,32 - 1,81)	2,28	(1,56 - 3,32)

Ajustado pelas variáveis sociodemográficas (Sexo, Idade, Cor/raça, Tipo de escola e Escolaridade da mãe)

4 DISCUSSÃO

Todas as variáveis de contexto escolar e familiar, saúde mental e imagem corporal foram associadas a alguma categoria de *bullying*. Foi observado em relação a variável sexo, a maior prevalência de perpetração do *bullying* foi entre os adolescentes do sexo masculino. Diversos estudos apontam em seus resultados que a perpetração do *bullying* é mais prevalente entre os adolescentes do sexo masculino, tais evidências podem ser encontradas em estudos nacionais e internacionais (Matos, Carvalhosa, 2001; Bowman *et al.*, 2004; Moraes *et al.*, 2012; Mello *et al.*, 2017; Marcolini *et al.*, 2018).

Uma possível explicação para este fenômeno é que os meninos possuem uma interação mais agressiva e explosiva com seus pares em comparação com as meninas, o que resulta em mais casos deste tipo de violência (Matos *et al.*, 2001). Os meninos apresentaram maior necessidade psicológica

de revelar força física, a qual, associada a aspectos biológicos, como tamanho e força, e a fatores sociais, os adolescentes utilizavam a agressão física, para perpetrar o *bullying* (Seals, Young, 2003; Obrdalj *et al.*, 2013)

Em relação à idade, cabe destacar que os adolescentes de 15 anos ou mais apresentaram pequena diferença na prevalência para a categoria perpetradores (16,7% vs. 15,4%) do *bullying* em relação àqueles adolescentes perpetradores com idade ≤14 anos. Este resultado está alinhado com os estudos conduzidos na América do Norte, na América do Sul e na Europa, que também revelaram maior prevalência da ocorrência de perpetração de *bullying* nessa faixa etária (Andrade *et al.*, 2012; Oliveira *et al.*, 2016; Mello *et al.*, 2017).

Observou-se que há maior prevalência da categoria perpetrador de *bullying* na escola privada, e vítimas na escola pública. O nível socioeconômico e status social do aluno podem contribuir para uma maior chance de perpetração do *bullying* (Santana *et al.*, 2016; Mello *et al.*, 2017).

A prática de *bullying* foi relatada por 23,6% (IC95% 22,8-24,4) entre adolescentes matriculados em escola privada, enquanto que 20,3% (IC95% 18,6-22,1) na escola pública, revelando ainda que os alunos matriculados em escola pública tiveram menor chance de praticar *bullying* (OR= 0,87; IC95% 0,78-0,97) (Malta *et al.*, 2014). No que se refere à cor/raça, a maior prevalência de perpetradores foi entre os entrevistados que se autodeclararam indígena (17,3%) e preta (17,2%), este resultado é similar a outros estudos (Malta *et al.*, 2014; Oliveira *et al.*, 2015; Mello *et al.*, 2017).

A relação entre cor/raça e o *bullying* pode ser esperada, pois, em muitos casos, uma quantidade pequena de adolescentes de uma determinada etnia/cor de pele pode ocasionar um desequilíbrio de poder e, assim, eles se tornam vítimas em potencial dos colegas que representam uma maioria étnica (Felix, You, 2011). Importante considerar também as questões de dinâmica social, discriminatórias e culturais relacionadas à intolerância e ao preconceito que, igualmente, são preditoras do *bullying* (Oliveira *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018).

A frequência de relato de qualquer uma das categorias analisadas de *bullying* foi maior entre os adolescentes que relataram faltar às aulas com maior frequência. Aponta-se não ser possível identificar a direção da associação entre *bullying* e faltar aula. A prática de faltar às aulas sem comunicar aos pais está associada à vitimização por *bullying*, isso pode ser analisado como uma forma de autoproteção, com o intuito de esquivar-se de sofrer novas agressões, além da desmotivação (Sampaio *et al.*, 2015) por possuírem sentimentos negativos como medo, não possuir vontade de ir às aulas, terem raiva e preocupações (Lopes Neto, Saavedra, 2003); e/ou pelas possíveis faltas de intervenções ou supervisão escolar, ou até mesmo relações enfraquecidas entre os docentes e discentes (Jalón, Arias, 2013; Rocha *et al.*, 2013; Nygren *et al.*, 2014).

De modo geral, faltar às aulas sem comunicar aos pais esteve associado a terem sido vítimas de *bullying* (Youngblad *et al.*, 2007; Andrade *et al.*, 2012; Mello *et al.*, 2016; Oliveira *et al.*, 2017). Os perpetradores faltavam quase duas vezes mais às aulas ($OR = 1,83$) quando comparado com as vítimas (Oliveira *et al.*, 2016). Diferentemente das vítimas, a motivação que leva os perpetradores a faltarem aulas está relacionada ao consumo de bebidas alcoólicas (Malta *et al.*, 2014).

Observou-se que tanto na supervisão do tempo livre, quanto na supervisão do dever de casa, a associação foi protetora para prática de *bullying* e nula para sofrer ou praticar *bullying*. Outro estudo também encontrou associação protetora para perpetradores de *bullying* cujos entrevistados relataram ter a supervisão dos pais ($OR = 0,64$ IC95% 0,61-0,66) (Andrade *et al.*, 2012; Malta *et al.*, 2014; Mello *et al.*, 2017). O fato de os pais entenderem os problemas dos filhos também foi um fator protetor para ocorrência de *bullying*, independentemente da categoria (Malta *et al.*, 2014).

Quanto ao fato de os pais mexerem nas coisas dos filhos, houve associação entre as três categorias de *bullying*, com ênfase dada à força de magnitude menor entre os perpetradores. Deste modo, é amplamente apresentada na literatura a importância do acompanhamento, presença e supervisão dos pais ou responsáveis e/ou familiares no processo de desenvolvimento cognitivo e social dos adolescentes. O acompanhamento/supervisão dos responsáveis podem ainda prevenir e/ou diminuir a prevalência da ocorrência do *bullying*. A realização de atos e práticas familiares, como por exemplo: fazer pelo menos uma refeição em família por semana, ou estar ciente sobre o que os adolescentes fazem no tempo livre, tem produzido efeitos protetores para os adolescentes (Malta *et al.*, 2011). Contrapondo-se a isso, a supervisão e o envolvimento empobrecidos dos pais, as ausências de referenciais (César, 2010); a criminalidade parental, a separação dos pais (Matos, Gonçalves, 2009) e relação de distanciamento entre pais e filhos (Azeredo *et al.*, 2015), podem ser considerados fatores de riscos para a produção e/ou aumento da ocorrência do *bullying* e da violência entre os adolescentes no ambiente escolar.

Entre aqueles que relataram se sentir sozinhos ou ter insônia, a magnitude do efeito foi maior entre as vítimas de *bullying* comparada com as demais categorias. Cabe destacar ainda que os adolescentes que relataram ter amigos a associação encontrada foi de proteção para a ocorrência de vítimas *bullying* e nula para as demais categorias. É notório nas evidências científicas que a solidão experimentada em maior proporção pelos adolescentes que sofrem *bullying* pode decorrer dos problemas ou dificuldades sentimentais, tais como: medo, desesperança e rebaixamento da autoestima (Alburquerque *et al.*, 2013); sofrimento psíquico, prejuízos no aprendizado, possibilidades de terem transtorno de personalidade antissocial e comportamentos violentos no futuro (Cruz *et al.*, 2011). Da mesma forma, não possuir amigos torna-se um fator de risco para ser o alvo do *bullying* entre

adolescentes (Smith *et al.*, 2002). Outro fato preocupante, é que as vítimas do *bullying* têm poucos amigos ou perdem as amizades em decorrência da violência (Lopes Neto *et al.*, 2011).

Ter sofrido violência sexual foi mais fortemente associada com a categoria vítima/perpetrador comparada com as demais categorias. Há vários relatos na literatura de associação entre sofrer violência sexual e ocorrência de *bullying*, seja como vítima, seja como perpetrador (Hong *et al.*, 2016). observaram que ter tido iniciação sexual de forma precoce, além da prática frequente de atividade sexual na adolescência torna-se fator de risco relacionado aos perpetradores de *bullying*. Estudo similar observou que ter sofrido violência sexual precoce é considerado um fator de risco (OR=1,81 IC95% 1,72-1,90; IC95%) para se tornar perpetradores de *bullying* (Mello *et al.*, 2017).

A incidência de violência sexual na adolescência pode estar relacionada, à imaturidade biopsicossocial das vítimas, à inexperiência relacional, à iniciação a sexualidade, e ao não reconhecimento de seus direitos (Caridades, Machado, 2008; Restum, Fontes, 2012). Diversos estudos indicam que a violência sexual é um preditivo para a prática de *bullying*, revelando a associação de maneira isolada entre ser vítima (Youngblade *et al.*, 2007; Malta *et al.*, 2010; Azeredo *et al.*, 2015; Hertz *et al.*, 2015; Ortega *et al.*, 2016) ou perpetradores do *bullying* (Zaine *et al.*, 2010; Azeredo *et al.*, 2015; Oliveira *et al.*, 2016; Zequinão *et al.*, 2016; Malta *et al.*, 2019).

Em relação às variáveis de imagem corporal, a autoavaliação do corpo como muito gordo foi mais fortemente associada às categorias vítima e vítima/perpetrador, comparados com aqueles que são somente perpetradores. Este fenômeno pode ser entendido como a consequência da autocompreensão estigmatizadas que pessoas obesas são diferentes dos padrões de normalidade corporal influenciados pela mídia, e assim, são motivos de chacotas em virtude de sua aparência destoante, e por não serem considerados normais pelos outros adolescentes (Mattos *et al.*, 2012)

Outro estudo que também avaliou a relação de adolescentes que declararam possuir algum grau de insatisfação com a imagem corporal e o *bullying*, constatou que estes possuem maior chance de tornarem-se vítimas, especialmente naqueles que se consideravam “muito gordo” (Scutti *et al.*, 2014). Os adolescentes insatisfeitos com a sua imagem corporal apresentaram o triplo de chances de serem vítimas de *bullying* (RP=3,24 IC95% 1,99-5,28) (Rech *et al.*, 2013).

Há escassez de estudos que tenham comparado variáveis de contexto familiar, saúde mental e imagem corporal nos adolescentes, e as categorias vítima, perpetrador e vítima/perpetrador de *bullying*. Esta classificação foi motivada pela observação que estas variáveis se associaram com magnitudes diferentes entre vítimas e perpetradores em estudos realizados no país (Fante *et al.*, 2005; Lopes Neto *et al.*, 2005; Paula *et al.*, 2008; Malta *et al.*, 2010; Malta *et al.*, 2011; Rech *et al.*, 2013; Malta *et al.*, 2014; Kann *et al.*, 2014; Azeredo *et al.*, 2015; Oliveira *et al.*, 2016; Mello *et al.*, 2017).

A hipótese testada foi que o grupo composto por vítimas e perpetradores poderia ter características diferentes daqueles que somente sofrem ou praticam *bullying*; hipótese confirmada para algumas variáveis como imagem corporal e violência sexual. Trata-se, portanto, de uma abordagem inédita quanto ao estudo sobre as categorias de *bullying*.

5 CONCLUSÃO

É fato que o fenômeno *bullying* expõe os escolares à condição susceptível de vulnerabilidade, pois compreendemos que o *bullying* ocorre dentro de um contexto social amplo e as motivações para tal ato são diversas e tem como fatores determinantes contextos familiares, escolares, sociais e culturais. Conclui-se que os perpetradores de *bullying* têm mais comportamentos de risco à saúde, tais como: alimentação não saudável regular, consumo de álcool, drogas, tabaco, relação sexual sem preservativo e sedentarismo, além de faltaram mais as aulas sem comunicar os pais e, no contexto familiar, tiveram efeito protetor para supervisão familiar. Apreende-se do estudo que o contexto escolar brasileiro continua sendo um espaço de reprodução da violência e que a escola não é a única responsável pela produção de violência, pois se trata de um fenômeno complexo, dinâmico, multifacetado e multicausal, com raízes também em questões de ordem macrossociais, econômicas e socioculturais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. P. de; D'AFFONSECA, S. M.; WILLIAMS, L. C. de A. Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós-traumático: uma revisão crítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 91-98, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000100011>
- ANDRADE, S. S. C. A.; YOKOTA, R. T. C.; SÁ, N. N. B.; SILVA, M. M. A.; ARAÚJO, W. N.; MASCARENHAS, M. D. M. et al. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 28, p. 1725-1736, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000900011>
- AZEREDO, C. M. Características individuais e contextuais associadas ao bullying entre escolares no Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 160. 2015.
- AZEREDO, C. M. et al. School bullying: a systematic review of contextual-level risk factors in observational studies. *Aggression and Violent Behavior*, v. 22, p. 65-76, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.04.006>
- BOWMAN, S. A. et al. Effects of fast-food consumption on energy intake and diet quality among children in a national household survey. *Pediatrics*, v. 113, n. 1, p. 112-118, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.113.1.112>
- CALHAU, L. B. *Bullying: o que você precisa saber*. Rio de Janeiro: Impetus, 2009.
- CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, v. 22, n. 1, p. 77-104, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i1.339>
- CARLINI-COTRIM, B.; GAZAL-CARVALHO, C.; GOUVEIA, N. Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, v. 34, n. 6, p. 636-645, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102000000600012>
- CÉSAR, N. *Bullying: preconceito, estigmas e desafios da educação para a paz*. Mato Grosso: [s.n.], 2010.
- CRUZ, A. C. N.; MOURA, D. R. de; QUEVEDO, L. de A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria*, v. 8, n. 1, p.19-23, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572011000100004>
- EATON, D. K. et al. Youth risk behavior surveillance - United States, 2009. *Morbidity and Mortality Weekly Report Surveillance Summaries*, v. 59, n. 5, p. 1-142, 2010. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/pdf/ss/ss5905.pdf>
- FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus Editora, 2005.

FELIX, E. D.; YOU, S. Peer victimization within the ethnic context of high school. *Journal of Community Psychology*, v. 39, n. 7, p. 860-875, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jcop.20465>

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, p. 22, n. 2, p. 200-207, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200005>

HERTZ, M. F. et al. Association between bullying victimization and health risk behaviors among high school students in the United States. *Journal of School Health*, v. 85, n. 12, p. 833-842, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/josh.12339>

HONG, J. S.; VOISIN, D. R.; CHO, S.; ESPELAGE, D. L. Association among subtypes of bullying status and sexually-risky behaviors of urban African American adolescents in Chicago. *Journal of Immigrant and Minority Health*, v. 18, n. 5, p. 1007-1016, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10903-016-0375-5>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, 2016. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basicalevantamentos-acessar>. Acesso em: 20 nov. 2016.

JALÓN, M. J. D.-A.; ARIAS, R. M. Peer bullying and disruption-coercion escalations in student-teacher relationship. *Psicothema*, v. 25, n. 2, p. 206-213, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7334/psicothema2012.312>

KANN, L. et al. Youth Risk Behavior Surveillance—United States, 2013. Morbidity and Mortality Weekly Report (MMWR). *Surveillance Summaries*, v. 63, n. SS-4, Centers for Disease Control and Prevention, 2014.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. 2003. Disponível em: <https://www.acterj.org.br/downloads/arquivo/doc-154.pdf> Acesso em: 16 set. 2018.

LOPES, N. A. A. Bullying: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MALTA, D. C. et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4):1359-1368, 2019 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15492017>

MALTA, D. C. et al. Bullying and associated factors among Brazilian adolescents: analysis of the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 17, p. 131-145, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4503201400050011>

MALTA, D. C. et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000800011>

MALTA, D. C. et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, n. 2, p. 3053-3063, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000800010>

MALTA, D. C.; MACHADO, I. E.; PORTO, D. L.; SILVA, M. M. A.; FREITAS, P. C.; COSTA, A. W. N. Consumo de álcool entre adolescentes brasileiros segundo a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE 2012). Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 17, n.1, p. 203-14, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4503201400050016>

MALTA, D. C.; PORTO, D. L.; MELO, F. C. M.; MONTEIRO, R. A.; SARDINHA, L. M. V.; LESSA, B. H. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 14, p. 166-177, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2011000500017>

MALTA, D. C.; PRADO, R. R.; DIAS, A. J. R.; MELLO, F. C. M.; SILVA, M. A. I.; COSTA, M. R. et al. Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). 2014. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 17, p. 131–145, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4503201400050011>

MARCOLINO, E. C et al. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. Texto contexto – enfermagem, v. 27, n. 1, p. 1-10, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018005500016>

MATOS, M. G. D.; CARVALHOSA, S. F. A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar. Psicologia, Saúde & Doenças, v. 2, n. 2, p. 43-53, 2001.

MATOS, M. G. de; GONÇALVES, S. M. P. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. Psicologia, Saúde & Doenças, v. 10, n. 1, p. 3-15, 2009.

MATOS, M.G.D. et al. A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar. Psicologia, Saúde & Doenças, v. 2, p. 43-53, 2001.

MATTOS, R. Sobrevivendo ao estigma da gordura. São Paulo: Vetor, 2012.

MELLO, F. C. M.; MALTA, D. C.; PRADO, R. R.; FARIA, M. S.; DA SILVA ALENCASTRO, L. C.; SILVA, M. A. I. Bullying and associated factors in adolescents in the Southeast region according to the National School-based Health Survey. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 19, n. 4, p. 866-877, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201600040015>

MELLO, F.C.M. et al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Ciência & Saúde Coletiva, v. 22, p. 2939-2948, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12762017>

MORAES, B. C.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. Psicologia Escolar e Educacional, v. 16, n. 1, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100004>

NYGREN, K.; BERGSTROM, E.; JANLERT, U.; NYGREN, L. Adolescent self-reported health in relation to school factors: a multilevel analysis. *The Journal of School Nursing*, v. 30, n. 2, p. 114-122, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/10559840513489709>

OBRDALJ, E.C; SESAR, K.; SANTIC, Z.; KLARIC, M.; SESAR, I.; RUMBOLDT, M. Trauma symptoms in pupils involved in school bullying: A cross-sectional study conducted in Mostar, Bosnia and Herzegovina. *Collegium Antropologicum*, v. 37, n. 1, p. 11-16, 2013.

OLIVEIRA, M. M.; CAMPOS, M. O.; ANDREAZZI, M. A. R.; MALTA, D. C. Características da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 26, p. 605-616, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000300017>

OLIVEIRA, W. A. et al. Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF*, v. 20, n. 1, p. 121-132, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200111>

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; ALVES, Q. R.; IOSSI, S. M. A. Experiences and perceptions of discrimination related to bullying among Brazilian students. *Maltrattamento e Abuso All'infanzia*, v. 18, n. 1, p. 29-57, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3280/mal2016-001003>

OLIVEIRA, W.A; IOSSI SILVA, M. A.; DA SILVA, J. L.; MALTA DE MELLO, F. C.; RUSCITTO DO PRADO, R.; CARVALHO MALTA, D. Associações entre a prática de bullying e variáveis individuais e de contexto na perspectiva dos agressores. *Jornal de Pediatria*, v. 92, n. 1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2015.04.003>

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, v. 15, n. 2, p. 203-215, 2013.

ORTEGA, M. V; MARTÍNEZ LOZANO, J. J.; ZAFRA TRISTANCHO, S. L. Factores asociados al bullying en instituciones de educación superior. *Revista Criminalidad*, v. 58, n. 2, p. 197-208, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.47741/17943108.118>

PAULA, C. S. et al. Mental health and violence among sixth grade students from a city in the state of São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, v. 42, n. 3, p. 524-528, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102008005000027>

RECH, R. R. et al. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. *Jornal de Pediatria* (Versão em Português), v. 89, n. 2, p. 164-170, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpedp.2012.09.004>

RESTUM, A. E. M.; FONTES, T. M. P. Bioética e aspectos epidemiológicos de vítimas de violência sexual em hospital-maternidade. *Revista Bioética*, v. 20, n. 2, p. 280-287, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361533259010>

RIBEIRO, J. L. P. *Introdução à psicologia da saúde*. Porto Alegre: Quarteto Editora, 2005.

ROCHA, M. O.; DO AMARAL COSTA, C. L. N.; NETO, I. F. P. Bullying e o papel da sociedade. *Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT*, v. 1, n. 2, p. 191-199, 2013.

SAMPAIO, J. M. C.; OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; MEDEIROS, M.; SILVA, M. A. I. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto Contexto Enfermagem*, v. 24, n. 2, p. 344-52, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015003430013>

SANTANA, C.; COSTA, B. L. D. Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, n. 161, p. 638-663, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143888>

SCUTTI, C. S. et al. O enfrentamento do adolescente obeso: a insatisfação com a imagem corporal e o bullying. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, v. 16, n. 3, p. 130-133, 2014.

SEALS, D.; YOUNG, J. Bullying and victimization: prevalence and relationship to gender, grade level, ethnicity, self-esteem, and depression. *Adolescence*, v. 38, n. 152, p. 735, 2003.

SILVA, J. L.; DE MELLO, M.; CARVALHO, F.; ABADIO DE OLIVEIRA, W.; RUSCITTO DO PRADO, R.; IOSSI SILVA, M. A. et al. Vitimização por bullying em estudantes brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 27, n. 3, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000310017>

SMITH, P. K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: *VIOLÊNCIA nas escolas e políticas públicas*. 2002. p. 187-205.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, W. A. Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU, 1999.

STATA CORPORATION. Stata/IC 13.1 for Windows. College Station, TX: Author, 2014.

WENDT, G. W. M.; LISBOA, C. S. D. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 25, n.1, p. 73-87, 2013Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000100005>

YOUNGBLADE, L. M.; THEOKAS, C.; SCHULENBERG, J.; CURRY, L.; HUANG, I.-C.; NOVAK, M. Risk and promotive factors in families, schools, and communities: A contextual model of positive youth development in adolescence. *Pediatrics*, v. 119, Supl. 1, p. S47-S53, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2006-2089H>

ZAINÉ, I.; DOS REIS, M. de J. D.; DA COSTA PADOVANI, R. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 375-382, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300009>

ZEQUINÃO, M. A. et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa*, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>